



**A IDENTIFICAÇÃO DOS PERFIS SOCIOCULTURAIS DOS REDADORES
DE CORPORA HISTÓRICOS: ENCAMINHAMENTOS
METODOLÓGICOS**

**THE IDENTIFICATION OF SOCIOCULTURAL PROFILES OF
HISTORICAL CORPORA WRITERS: METHODOLOGICAL
PROCEDURES**

Célia Regina dos Santos Lopes¹

Márcia Cristina de Brito Rumeu²

Resumo

Este artigo expõe encaminhamentos metodológicos conduzidos por dois modelos de análise piloto responsáveis não só por auxiliar o processo de reconstrução do perfil sociocultural do redator com base em traços linguísticos da missiva histórica, mas também por evidenciar, através de vestígios gráficos, o grau de letramento de missivistas de sincronias passadas. Assim sendo, argumentamos, num primeiro momento, sobre a relevância de o linguista-pesquisador atentar para as informações relacionadas aos perfis socioculturais que se mostram circunscritas ao próprio documento, cotejando-as com informações arquivísticas e enciclopédicas acerca de redatores socialmente conhecidos. Num segundo momento, buscamos expor através das potencialidades da ferramenta computacional de edição (Programa *E-dictor*), traços dos graus de letramento de missivistas socialmente desconhecidos. Com base nessa proposta de análise piloto de traços gráficos e grafo-fonéticos em manuscritos históricos, constatamos se tratar de informantes dotados de um baixo grau de letramento, considerando as sistemáticas evidências de hiposegmentações e hipersegmentações não só em contextos de formas presas, mas tam-

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq 1. E-mail: celiar.s.lopes@gmail.com.

2 Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: marcia.rumeu@gmail.com.

Recebido em: 15/10/2018

Aceito em: 07/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

bém em ambiências de fronteiras silábicas.

Palavras-chave: Categorias sociolinguísticas; Método na sociolinguística histórica; *Corpora* históricos.

Abstract

This article presents methodological procedures guided by two models of pilot analysis responsible not only for helping the process of reconstruction of the sociocultural profile of the writer based on traces expressed in the historical missive, but also for evidencing, through of graphic traces, the degree of literacy of writers from past synchrony. Thus, we argue, at first, about the relevance of the linguist-researcher to look for informations associated to sociocultural profiles that are confined to the document itself, comparing them with archival and encyclopedic informations about socially known writers. In a second moment, we seek to expose through the potentialities of the computational tool of edition (*E-dictor* Program), features of the degrees of literacy of socially unknown writers. Based on this proposed pilot analysis of graphic features and graph-phonetic in historical manuscripts, we make out the treatment of informants with low literacy level, taking into account the strategies of hiposegmentation and hypersegmentation in different contexts of remand forms, but also in ambiences of syllabic borders.

Keywords: Sociolinguistic categories; Method in historical sociolinguistic; Historical *corpora*.

Considerações iniciais

Estudos no âmbito da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNANDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012) passam necessariamente pelo levantamento do perfil sociocultural dos escreventes justamente porque visam a concatenar o linguístico ao social. Isso quer dizer que trabalhos empíricos acerca de aspectos em variação e mudança visam à reconstrução do perfil social dos escreventes e possivelmente também ao levantamento das suas redes de escrita, cf. LOPES *et alii* (2010).

Considerando que ao voltarmos o foco para o passado das línguas humanas, a escassez de informações acerca do perfil sociocultural dos informantes é uma constante preocupação do linguista-pesquisador, passamos, neste texto, à exposição de algumas pistas (evidências) acerca da origem social dos redatores respaldadas no próprio manuscrito de sincronias passadas. Nesse sentido, acreditamos que além de investirmos esforços no preenchimento das lacunas relacionadas às categorias sociais *gênero, faixa etária e nível de escolaridade* dos escreventes, temos de voltar o foco também para o perfil sociocultural do redator como um todo, relacionando-o inclusive ao seu contexto de produção textual. Assim sendo, preocupamo-nos principalmente com a busca de evidências textuais acerca da origem social/ocupação do redator nas missivas brasileiras produzidas entre os séculos XIX e XX. Nesse sentido, a proposta é também partirmos de indícios do perfil social do escrevente para um posterior cotejo com as informações arquivísticas e enciclopédicas disponíveis à pesquisa em índices genealógicos (BLAKE, 1902) e dicionários biográficos (BUENO & BARATA, 2001; MARTINS FILHO, 2013).

Isso posto, estruturamos este texto em 2 seções. Inicialmente, uma vez apresentado, nas considerações iniciais, o tema em discussão neste artigo, conduzimos uma sucinta exposição sobre o gênero textual *carta pessoal* como uma profícua fonte histórica através da qual o eixo diológico entre remetente e destinatário se materializa em sua expressão escrita. Na sequência, fazemos uma breve descrição-analítica acerca das evidências textuais relacionadas à função social dos missivistas brasileiros nos séculos XIX e XX. Por fim, apresentamos alguns encaminhamentos metodológicos que podem auxiliar na reconstrução do perfil sociocultural dos missivistas, principalmente, para dar conta da produção escrita de autores socialmente desconhecidos. Nas considerações finais, mostramos o quão é importante o processo de reconstrução do perfil social do redator para os estudos no âmbito da Sociolinguística Histórica, que se configura como uma linha de investigação com propriedades que ora se aproximam, ora se afastam da Sociolinguística Quantitativa de base laboviana (LABOV, 1994).

A carta pessoal no âmbito dos estudos em Sociolinguística Histórica

A preferência pela constituição de amostras históricas embasadas no gênero textual *carta pessoal* está orientada pelo fato de a informalidade das cartas trazer à cena uma produção escrita menos “cuidada” em relação à norma subjetiva (cf. CUNHA, 1985, p. 52) e, conseqüentemente, propicia às análises linguísticas acerca da *norma objetiva* do PB em sincronias passadas.

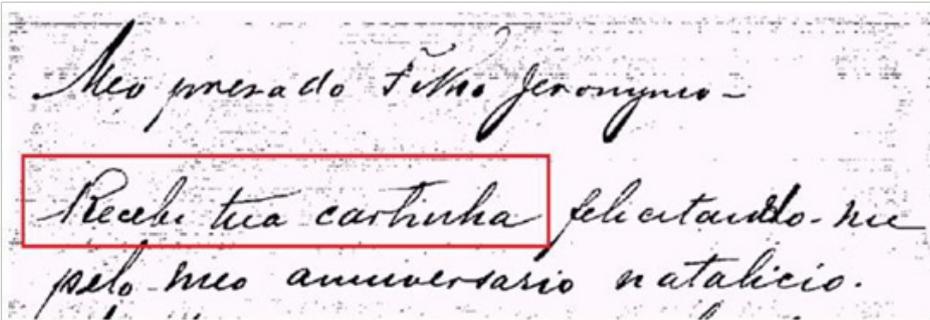
A potencialidade da *carta pessoal* está consubstanciada no fato de normalmente expressar uma circunstância espontânea da comunicação verbal (BAHKTIN, 1997). Consolidada na tríade *autor – leitor – tema íntimo* (PAREDES SILVA, 1988, p. 77), a carta pessoal se configura estruturalmente através da *seção de contato inicial* (em que normalmente são expostas a saudação e a captação da benevolência), do *núcleo da carta* (o corpo do texto) e da *seção de despedida* acrescidas ainda das especificações acerca do *quando, onde e por quem* foi redigida, o que potencializa esse gênero textual em relação às análises linguísticas que controlem, por exemplo, as categorias sociais *gênero, faixa etária, origem* (brasileira ou portuguesa) do missivista e o seu *local* de escritura. Por um lado, são visíveis as vantagens da preferência pela carta pessoal nas análises diacrônicas pelo fato de esse gênero textual apresentar forte fluidez discursiva equiparada a uma conversa oral realizada pelos missivistas. Tal propriedade poderia ser ilustrada pelos excertos de cartas destacadas nos exemplos de (1) a (3), em que os próprios remetentes evidenciam textualmente que escrever uma carta é semelhante a uma conversa face-a-face.

(1) “[...] Tal é o cansaço, que me accomette, que devera já estar deitado afim de ver si concilio osonno e mesmo porque as 2 horas de amanhã pela manhã devo estar já de pé tomando algum alimento e logo apoz descendo a serra da Tijuca, porem **o desejo de escrever-te e fingir que estou conversando contigo** são incentivos mais poderosos de que os meios higienicos para eu não passar tão mal.” (JPCF. RJ, 11.08.1877.)

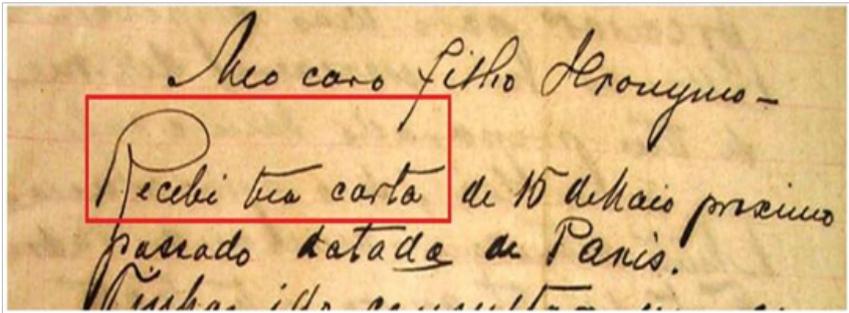
(2) “[...] Conhecimento profundo do latim é um instrumento precioso para outros mais altos conhecimentos – Mas é tarde **Terei mais ocasiões de Contigo Conversar** Sê feliz no santo temor de Deus. Meus respeitosos cumprimentos a meo Compadre o Senhor Padre Superior e a teus mestres e aceita a benção de teo Pae e amigo Jeronymo [...]” (JCAM. RJ, 19.07.1897.)

(3) “[...] Pasei a manhã muito agradável **escrevendo a Você parece que estavas aqui.** [...]” (MRPCAM. La Plata, 01.02.1948.)

Por outro lado, é preciso levar em conta que a *carta pessoal* não pode ser encarada exclusivamente como um canal direto de expressão da língua oral através da sua expressão escrita, uma vez que se trata de um gênero textual oportuno à consolidação de fórmulas fixas como a expressão de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 279 *apud* SOTO, 2007, p. 100). Em (4) e (5), observamos as construções *Recebi tua cartinha* e *Recebi tua carta* em cartas escritas pelo mesmo informante em momentos distintos da sua vida, evidenciando a repetição de expressão formulaica no espaço discursivo destinado à captação de benevolência, *benevolentiae captatio*, cf. discutido por Tin (2005) à luz do Anônimo de Bolonha (1135).

(4) A snippet of a handwritten letter in cursive script. The text reads: "Meo presado Filho Jeronymo - Recebi tua cartinha felicitando-me pelo meo anniversario natalicio." The phrase "Recebi tua cartinha" is enclosed in a red rectangular box.

“[...] Meo presado Filho Jeronymo | **Recebi tua cartinha** felicitando-me | pelo meo anniversario natalicio [...]” (JCAM. RJ, 19.07.1897.)

(5) A snippet of a handwritten letter on aged paper in cursive script. The text reads: "Meo caro Filho Jeronymo - Recebi tua carta de 15 de Maio proximo passado datada de Paris." The phrase "Recebi tua carta" is enclosed in a red rectangular box.

“[...] Meo caro filho Jeronymo_ | **Recebi tua carta** de 15 de Maio proximo | passado datada de Paris. [...]” (JCAM. RJ, 08.06.1905.)

Na verdade, cabe ao linguista-pesquisador ponderar, em analogia com a máxima laboviana a “arte de fazer o melhor uso de maus dados” (LABOV, 1994, p. 11), sobre o melhor uso que se possa fazer dos dados linguísticos que sobreviveram à ação do tempo como uma tentativa

de reduzir as desvantagens de trabalharmos com os dados históricos (tão somente conseguimos vislumbrar os dados positivos) que restaram no interior dos acervos públicos e privados.

Assim sendo, reconhecemos a responsabilidade do linguista-pesquisador na tarefa de estruturar amostras de dados históricos legitimamente organizadas em relação à identificação do perfil sócio-histórico dos missivistas, o que permitirá desvendar, tendo em vista o caráter pessoal das correspondências, não só aspectos rotineiros da vida cotidiana brasileira, mas também as redes sociais articuladas pelos missivistas de fins do século XIX e do século XX.

As missivas brasileiras e os traços da origem social dos redatores históricos

O processo de constituição de *corpora* representativos do PB incide diretamente no levantamento de informações precisas e confiáveis acerca da origem e função social do escrevente, além do seu nível de escolaridade. Este último aspecto, como será discutido adiante, precisa ser observado a partir dos parâmetros da época de escritura dos documentos e não com os padrões atuais de graus de escolaridade (nível básico, médio ou superior). Para tanto, costuma-se levar em conta o grau de letramento do redator histórico (erudito, pouco hábil ou inábil) ou o grau de contato com modelos de escrita para a devida caracterização dos *corpora* históricos (MARQUILHAS, 2000).

Com base em amostras históricas que fundamentam os trabalhos desenvolvidos no âmbito da UFRJ e da UFMG, propomos, neste texto, as seguintes indagações:

(a) Como depreender do próprio material documental tais informações?;

(b) Que métodos analíticos podem nos auxiliar na caracterização social do missivista (engajamento social e *nível de escolaridade/grau de letramento*), quando não há informações disponíveis sobre a amostra analisada ou sobre os remetentes das cartas?

Com o intuito de respondermos essas questões, ilustraremos nas subseções seguintes duas propostas de análise. Na primeira, mostraremos como depreender o engajamento social do escrevente a partir da análise qualitativa das próprias cartas oitocentistas e novecentistas de hábeis redatores cujos perfis sociais estão historicamente reconhecidos por se constituírem como informantes ilustres. Na segunda, apresentaremos um protocolo metodológico, já testado por Silva (2012) e Silva e Lopes (2012), para identificar o grau de letramento de remetentes socialmente desconhecidos.

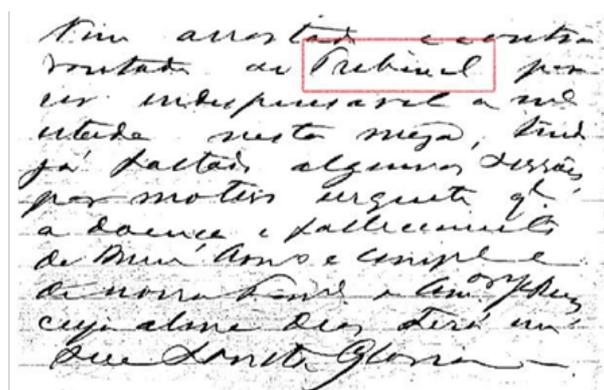
A origem social de remetentes conhecidos

Iniciaremos com a descrição-analítica de trechos de missivas pessoais reveladores da

ocupação do redator. Para tal, passamos pelas missivas pessoais produzidas por³ JPCF⁴, JPS⁵ e LGDE⁶ resguardadas, respectivamente, no Arquivo Nacional (RJ), no Arquivo Público Mineiro (MG) e na Casa de Rui Barbosa (RJ).

No Arquivo Nacional (RJ), estão basicamente as missivas pessoais (cartas familiares) trocadas entre os informantes de duas famílias brasileiras. O informante JPCF, que iniciou a sua carreira política a partir da advocacia, bacharelando-se, em 1848, na Academia de Olinda, foi nomeado, ainda jovem, pelo Imperador Dom Pedro II, *Moço da Câmara*, promovido *Veador da Casa Imperial* e, por mais de 50 anos, exerceu a função de *Secretário do Supremo Tribunal Federal*. As missivas pessoais trocadas entre os membros da sua família expõem a intimidade de brasileiros letrados em intercâmbios comunicativos de informalidade marcados pela dinâmica de afetividade entre remetentes e destinatários, corroborando a opinião de Barbosa (1999) acerca das *cartas pessoais* como textos mais transparentes, ou seja, mais livres da pressão prescritivista da norma-padrão em língua portuguesa. Em (6), trazemos à cena uma referência feita pelo próprio missivista ao seu local de trabalho, o Supremo Tribunal Federal, que, em fins do século XIX (1877), tinha o Rio de Janeiro como sede. A referência à ocupação principal do redator é retomada em missivas familiares produzidas em 1879 e 1884, respectivamente, como estão ilustrados em (7) e (8), respectivamente.

(6)



“[...] Vim arrastado e contra | vontade ao **Tribunal** por | ser indispensavel a minha | estada nesta meza, tendo | já faltado algumas sessões, | por motivos urgente qual | a doença e fallecimento | do Bom Amigo e Compañheiro e | de nossa Família e Amigo Senhor Jose Reis | cuja alma Deos terá em | sua Santa-Gloria. [...]” (JPCF. RJ, 16.07.1879.)

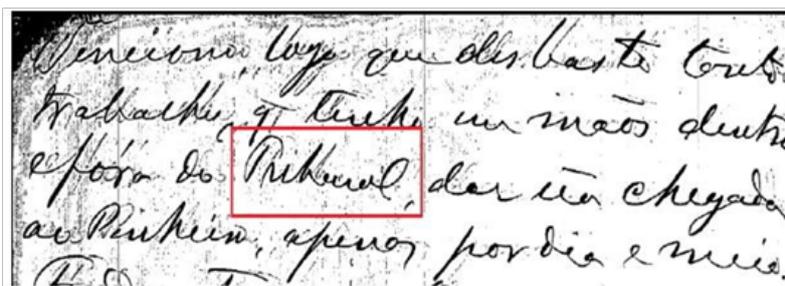
3 Neste trabalho, optamos por proteger a identidade dos missivistas cujas cartas estão em análise, referenciando-as a partir das letras iniciais de seus nomes.

4 Cartas editadas por Rumeu (2013).

5 Cartas editadas por Luz (2015).

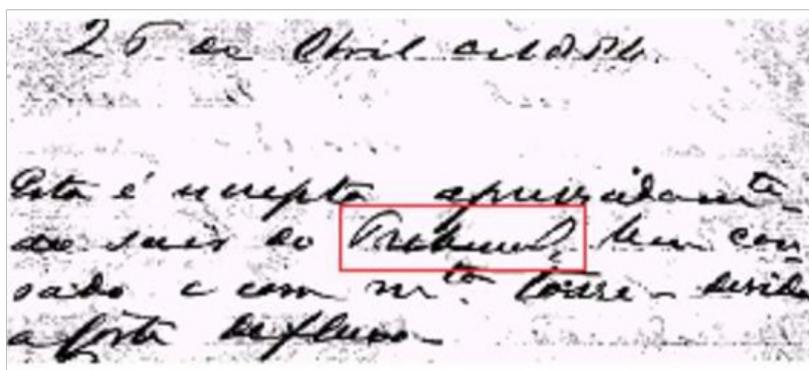
6 Cartas em processo de edição por Márcia Cristina de Brito Rumeu em seu estágio de Pós-Doutoramento na Faculdade de Letras da UFRJ.

(7)



“[...] Tenciono logo que desbaste tanto | trabalho *que* tenho em mãos dentro | e fóra do **Tribunal**, dar ãa chegada | ao Pinheiro, apenas por dia e meio. [...]”
(JPCF. RJ, 05.02.1877.)

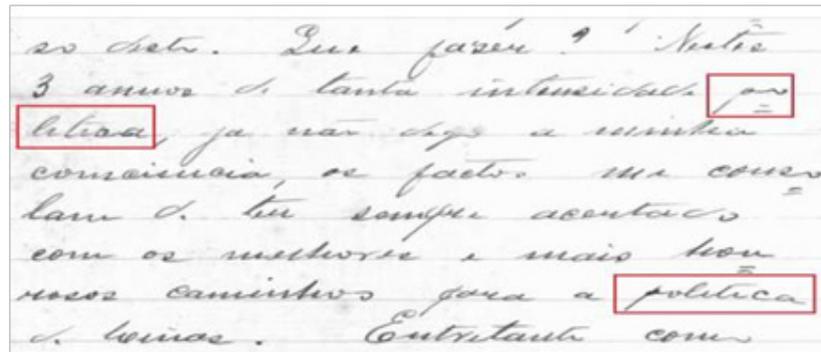
(8)



“[...] Esta é escripta apressadamente | ao sair do **Tribunal** bem can- | sado e com muita tosse devido | a forte defluxo. [...]” (JPCF. RJ, 26.04.1884)

Sob a guarda do Arquivo Público Mineiro (MG), encontram-se as cartas produzidas por JPS. Um ilustre mineiro cujo percurso de vida é marcado por sua atuação como gestor, entre os anos de 1906 e 1910, do Estado de Minas Gerais, tendo anteriormente assumido as funções de Senador, em 1905, e Deputado, em 1890, nas eleições para a Assembleia Constituinte da República. Alcançou, em 1887, o título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo atuado ainda como Professor da Escola Normal Superior de São Paulo, cf. Luz (2015). As missivas pessoais (amorosas, familiares e de amizade) produzidas por JPS também evidenciam um alto nível de proximidade entre os missivistas, o que as legitimam como expressão da escrita informal de uma efeméride mineira, cf. Luz (2015). Em (9), temos uma evidência da menção feita pelo próprio missivista à sua atuação como político mineiro em fins do século XIX.

(9)



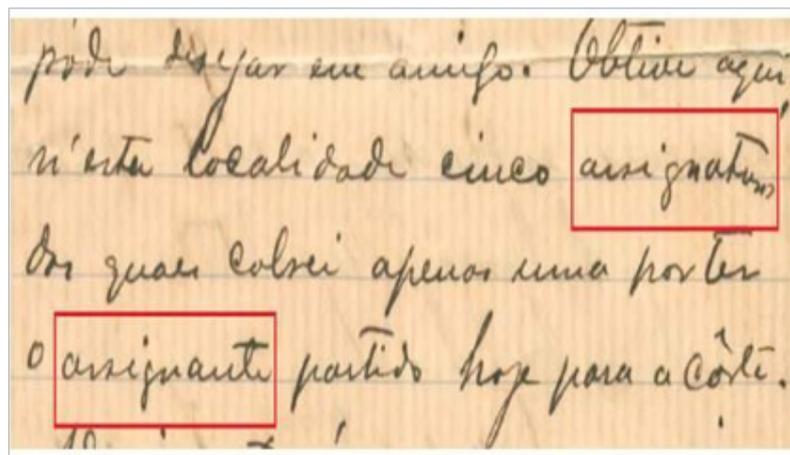
“[...] Nestes | 3 annos de tanta intensidade **po- | litica**, ja não digo a minha | consci[e]ncia, os factos me conso- | lam d. ter sempre acertado | com os me- | lhores e mais hon- | rosos caminhos para a politica | d. Minas. [...]” (JPS. MG, Ouro Preto, 20.11.1891.)

Do acervo da Casa de Rui Barbosa (RJ) voltamos o foco para as suas correspondências pessoais trocadas entre os familiares e amigos de LGDE. Temos em cena um informante nascido no Rio de Janeiro, em 1863, atuante como jornalista, crítico de arte, pintor e escritor que escreveu alguns livros, fundou e participou de periódicos brasileiros. Trata-se de missivas extremamente pessoais através das quais o autor expressa, a sua esposa J, as suas impressões mais íntimas acerca de viagens, questões familiares e personalidades públicas.

Observemos algumas evidências do engajamento de GD com o jornalismo e a literatura.

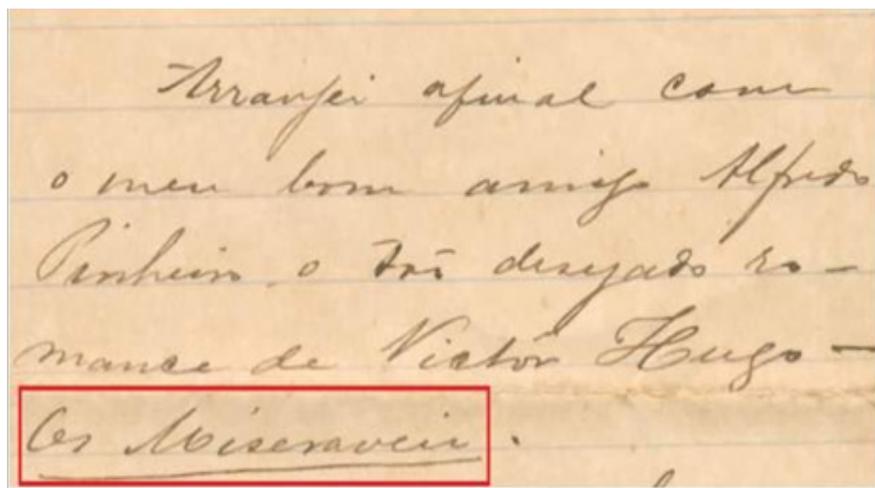
Em (10), evidenciamos um excerto de carta oitocentista através do qual é possível observarmos o próprio GD fazendo menção ao seu esforço para angariar assinaturas provavelmente para um dos periódicos em que atuava como jornalista. Em (11), o missivista divide com a sua esposa o afortunado achado do romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

(10)



“[...] Obtive aqui, | n’ esta localidade cinco *assignaturas* | das quaes cobrei apenas uma por ter | o *assignante* partido hoje para a Côte. [...]” (LGDE. RJ, 16.02.1887)

(11)



“[...] Arranji afinal com o meu amigo Alfredo | Pinheiro o tão desejado ro - |
mance de Victor Hugo – | **Os Miseráveis.** [...]” (LGDE. 06.02.1887.)

Como tentamos brevemente ilustrar, além das informações externas apreendidas no interior dos acervos públicos em que se conserva a documentação de renomados missivistas que fizeram parte da elite intelectual e política brasileira, os estudos no âmbito da Sociolinguística Histórica precisam recompor, a partir de vestígios documentais, o perfil sociocultural do redator como um todo, relacionando-o inclusive ao seu contexto de produção. As informações arquivísticas e enciclopédicas, as árvores genealógicas e os dicionários biográficos são fundamentais, mas o próprio documento pode desvelar, através da tinta que escorre da pena do missivista (parafraseando TARALLO, 1993), dados linguístico-textuais reveladores das peças do quebra-cabeça sócio-histórico dos informantes de sincronias passadas.

A origem social/grau de letramento de remetentes desconhecidos

Diferentemente da seção anterior, na qual procuramos identificar pistas textuais da atuação social dos remetentes conhecidos, tencionamos, nesta subseção, mostrar como apreender o perfil social de remetentes desconhecidos à luz de evidências manuscritas geradas pelo próprio redator. Nesse caso, o material documental a ser analisado não foi produzido por personalidades históricas e nem levantado nos arquivos públicos, por isso não há informações arquivísticas sobre fatores externos como *origem, nível de escolaridade, atuação profissional e/ou função social* dos redatores.

O intuito desta subseção é apresentar como certas ferramentas computacionais podem auxiliar o pesquisador quando não há informações sobre os autores de documentos do passado, reconstituindo a história desses autores a partir de evidências linguísticas (aspectos grafemáticos, fonéticos e morfossintáticos) do próprio texto. No caso específico desta subseção, tentaremos mostrar como medir o grau de letramento de autores desconhecidos com base na sua própria produção escrita, já que não dispomos de informações extralinguísticas.

Neste estudo, utilizaremos uma amostra parcial de 11 cartas trocadas por um casal pernambucano e escritas nos anos de 1949 e 1950. Essas cartas fazem parte do acervo do LeDoc – *Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco*⁷. Foram transcritas e editadas, para a realização dessa análise piloto, apenas cinco cartas do remetente masculino, identificado aqui como (J) e 06 cartas da remetente feminina (identificada como N).

Como protocolo metodológico, utilizamos o modelo aplicado por Silva (2012) e Silva e Lopes (2012). As autoras propuseram como ferramentas auxiliares para a depreensão do nível de habilidade dos missivistas em relação aos modelos de escrita algumas potencialidades do programa de edição eletrônica *E-dictor* (PAIXÃO DE SOUZA; KEPLER, 2010). Esse programa, além de permitir resguardar informações originais do texto de interesse linguístico e filológico em uma versão diplomática, também possibilita que o usuário gere uma versão modernizada do texto editado que pode ser empregada em buscas automáticas a partir de uma versão em XML do documento.

Na realidade, os recursos que empregamos aqui como ferramenta digital para depreender o grau de letramento de nossos missivistas desconhecidos são gerados no *E-dictor* a partir de uma lista criada no processo de edição. Na verdade, aproveitamo-nos de ferramentas de um programa de edição filológica digital para fins não previstos inicialmente pelos idealizadores do *E-dictor*.

Como foi proposto em Silva e Lopes (2012, p. 86), há duas funções básicas no programa de edição *E-dictor*. A primeira consiste na transcrição literal do documento com a reprodução fiel do texto original (versão diplomática ou conservadora). A segunda corresponde à edição propriamente dita do texto em que o usuário pode ativar diversos mecanismos⁸ oferecidos pelo programa para criar uma versão modernizada do documento que está sendo transcrito. Apresentamos, em (a), (b) e (c), os mecanismos de edição empregados nesta análise:

(a) **junção**: formas que aparecem segmentadas e que devem ser unidas em uma edição atualizada/modernizada: *a Qui > aqui; a sim > assim; a mizade > amizade*.

(b) **segmentação**: formas que aparecem unidas e deveriam estar separadas: *igora > i agora > e agora; madami > mada-mi > mande-me*.

7 O LeDoc (www.ledoc.com.br) é um projeto destinado a constituir um banco de dados de textos representativos do Português Brasileiro. O projeto tem a finalidade de contribuir para a coleta, tratamento e análise de textos pernambucanos dos séculos XVIII, XIX e XX. Agradecemos gentilmente aos coordenadores do Projeto (Professores Doutores da UFRPE Cleber Ataíde e Valéria Severina Gomes) por disponibilizarem para análise parte de um valioso material que ainda não está disponível no site do Projeto.

8 Há outros mecanismos que podem ser ativados durante o processo de edição como *expansão, sobrescrito, ilegível, rasurado, subscrito, tachado*, etc., mas nos limitamos a apresentar os recursos empregados para este estudo que dão conta apenas de aspectos grafemático-fonéticos.

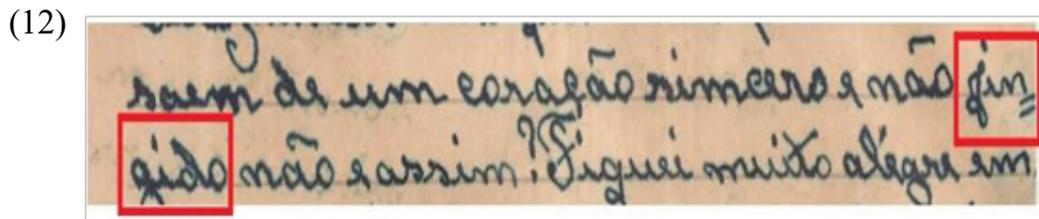
(c) **modernização da grafia**: atualização da grafia de palavras que são apresentadas de maneira distinta da atual no documento que está sendo editado: *guardá* > *guardar*; *muinto* > *muito*; *amisade* > *amizade*; *satisfei* > *satisfez*; *aqredito* > *acredito*; *asuviano* > *assobiando*.

A partir da versão modernizada do documento, o programa *E-dictor* permite exportar, em um arquivo, o *léxico de edições* em que ficam registradas todas as intervenções feitas pelo usuário no processo de edição. Com base em tal lista, podemos visualizar os itens que sofreram algum tipo de edição e organizar os dados em termos quantitativos e qualitativos pelos critérios postulados durante a edição (*junção, segmentação e modernização*). A lista gerada, entre outras coisas, possibilita observar os desvios grafemáticos de cada documento editado. A depender da natureza de cada desvio ou de cada intervenção do editor, pode-se evidenciar indícios diversos do maior ou menor grau de letramento dos escreventes como desejamos apontar neste trabalho.

Por hipótese, defendemos, seguindo Silva (2012) e Silva e Lopes (2012), que as taxas de frequência dos desvios grafemáticos são mais altas na produção dos missivistas com pouco domínio da norma escrita. Além disso, a natureza da *segmentação* e da *junção* silábica e/ou vocabular exigida durante o processo de modernização do documento também seria importante para a caracterização dos missivistas em mais ou menos letrados. Consideramos que são aspectos que refletem o contato e o domínio dos remetentes em relação aos textos escritos ou aos modelos de escrita, como aponta Marquilhas (1996, 2000).

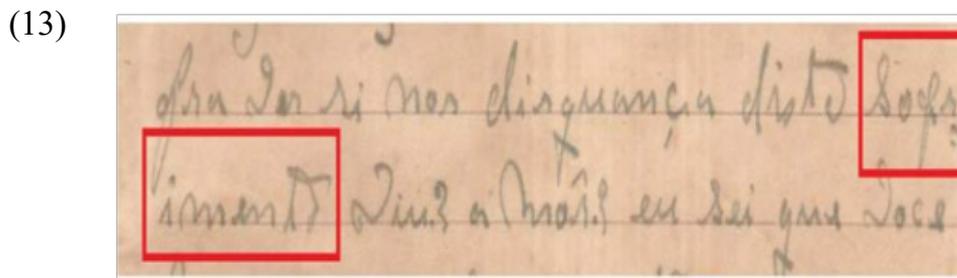
Nesse sentido, esses dois procedimentos adotados pelo editor (*segmentação e junção*) estão associados, respectivamente, aos processos de **hipersegmentação** e de **hipossegmentação**. A *hipersegmentação* ocorre quando um vocábulo formal é dividido em segmentos menores na escrita e, por isso, sofre uma *junção* no processo de edição (*a Braça* > *abraça*; *a Qui* > *aqui*; *a mizade* > *amizade*). A *hipossegmentação* ocorre com vocábulos formais autônomos que são unidos a formas antecedentes ou subseqüentes pelo escrevente (*acabase* > *acaba-se*; *afim* > *a fim*; *darlis* > *dar-lhes*). A *hipossegmentação* é resolvida na edição pela *segmentação* que, em alguns casos, vem seguida pela *modernização* como em *darlis* > *dar-lis* > *dar-lhes*) quando se faz necessário alterar a grafia em conformidade com as instruções ortográficas convencionais.

Por um lado, as *junções* vocabulares realizadas no processo de edição do manuscrito por conta da *hipersegmentação* podem apenas estar associadas à translineação, ou seja, à separação do vocábulo para passar de uma linha para a outra. Esses casos estariam de acordo com as normas ortográficas vigentes e seriam evidências de alto grau de habilidade do redator com os textos escritos, como é possível observarmos, em (12), com base na análise da separação silábica da palavra *fingido* (*fin-gido*) no processo de translineação.



“[...] saem de um coração sincero e não **fin-**
gido não e assim? Fiquei muito alegre em [...]” (NJ. PE, 21.05.1949.)

Por outro lado, alguns processos de *hipersegmentação* e de *hipossegmentação* não convencionais deixam transparecer a falta de domínio dos limites silábico e vocábulo, caracterizando assim nossos remetentes como informantes de *mãos inábeis* pelas poucas evidências de familiaridade desses redatores com os parâmetros formais da escrita, como ilustramos, em (13), em relação à separação silábica da palavra *sofrimento* (*sofr-imento*) também em contexto de translineação.



“[...] pra ver si nos disquança disto **sofr-**
imento viu? a môr.? eu sei que voce [...]” (JN. PE, 04.07.1950.)

Tendo em vista tais aspectos formais de *hipersegmentação* e *hipossegmentação*, optamos por separar os casos de intervenção do editor na junção de vocábulos ou partes de vocábulo por conta de uma mera translineação (*quan-to* > *quanto*) daqueles em que a junção é advinda de uma *hipersegmentação* não convencional (*sofr-imento* > *sofrimento*, *po-ssível* > *possível*; *gu-ardá* > *guardar*).

Na sequência serão apresentados os resultados quantitativos para termos um panorama geral e comparativo de dois redatores brasileiros e depois apresentaremos os dados qualitativos que foram obtidos a partir da lista gerada pelo *E-dictor* com as intervenções feitas durante o processo de edição das 11 cartas analisadas do casal (J=homem) e (N=mulher).

Resultados quantitativos globais: formas linguísticas de pessoas desconhecidas

A Tabela 1 apresenta o resultado quantitativo com o total das intervenções realizadas na edição das 11 cartas de remetentes não ilustres. Como mencionamos anteriormente, as intervenções por junção foram separadas em dois tipos distintos pelo fato de a sua natureza interferir

na detecção do maior ou menor domínio de escrita dos missivistas. Assim, as junções por mera translineação evidenciam forte domínio dos modelos de escrita e as junções feitas por conta de segmentações não convencionais mostram pouco domínio dos modelos da escrita. Os casos de segmentação e de modernização também se enquadram nesse grupo cuja grafia evidencia um menor grau de domínio de escrita.

	Crítérios	J. (H)	N. (M)	Total
[+] domínio de escrita	Junção (translineação)	1 0,8%	12 92%	13
	Junção (outros)	36 60%	24 40%	60
[-] domínio de escrita	Segmentação	14 100%	0	14
	Modernização (grafia)	503 70%	213 30%	716
	Total	554 69%	249 31%	803

Tabela 1: Distribuição geral das intervenções por remetente

Em termos gerais, identificamos 803 palavras submetidas a algum tipo de intervenção, sendo 554 (69%) realizadas nas cartas do remetente masculino (J) e 249 (31%), nas cartas da remetente feminina (N). As cartas do noivo receberam, durante a edição, um número bastante expressivo de intervenções por parte do editor, principalmente, aquelas intervenções que evidenciam que o escrevente não apresentava domínio das convenções de escrita. Comparativamente, nas cartas do informante masculino (J) só observamos um caso de *junção* feita para solucionar uma translineação, ao passo que, nas cartas de (N), sua noiva, verificamos 12 casos (92%). Como mostramos anteriormente, as junções necessárias por translineação evidenciam maior conhecimento dos modelos de escrita. Tais resultados podem ser confirmados pelos quantitativos dos outros tipos de junção por segmentações não convencionais (hipossegmentação). Neste caso, as frequências são invertidas: as cartas do escrevente masculino (J) sofreram 60% de intervenções contra 40% das cartas escritas pela sua noiva (N). As *segmentações* e *modernizações* reiteram tais observações. Em relação a esses dois processos, houve mais intervenções na edição das cartas escritas por (J), o que confirmaria, em termos contrastivos, que o escrevente masculino seria um indivíduo com menor habilidade com a escrita em relação à sua noiva (N).

Para reiterar em termos qualitativos esses resultados quantitativos, apresentaremos em seguida a natureza dos dados levantados nas 11 cartas analisadas do casal por tipo de interven-

ção de edição.

A análise das intervenções por tipo de junção: translineação e hipersegmentação não convencional em cartas de desconhecidos

Como mencionamos, no processo de edição foram detectados dois tipos de junção feitos nas palavras segmentadas pelos escreventes: a junção de palavras oriundas de translineação e aquelas oriundas de segmentações não convencionais. Os resultados quantitativos mostraram um comportamento diferente entre os dois missivistas. Enquanto nas cartas da escrevente feminina predominou a junção por translineação, nas cartas do remetente masculino prevaleceu a junção por segmentação não convencional.

Nos itens editados por junção nas cartas de (J), havia apenas um dado de translineação convencional na palavra *quan-to* > *quanto*. Os outros dados de translineação seriam não convencionais quer por apresentarem desvios grafemáticos (*nutici-as* > *notícias*), quer por não estarem de acordo com as normas vigentes de segmentação silábica: *sofr-imento* > *sofrimento*. Os casos de junção realizados, em sua maioria, são advindos de problemas de hipersegmentação: *a braça* > *abraça*, *a burecer* > *aborrecer*, *a Credite* > *acredite*; *a guma* > *alguma*; *a mizade* > *amizade*; *a môr* > *amor*; *a qiu* > *aqui*; *a qredito* > *acredite*; *a Qui* > *aqui*; *a sim* > *assim*; *A su-viano* > *assobiando*; *a te* > *até*; *a Valial* > *avaliar*; *cam migo* > *comigo*; *porq us* > *porque*; *da ir* > *daí*. É preciso destacarmos que quase todas essas palavras que passaram pelo procedimento da junção, durante o processo de edição, tiveram ainda que ser ortograficamente modernizadas.

Nas cartas de autoria feminina, as intervenções por junção correspondem, em grande parte, à translineação convencional, como em *con-solo* > *consolo*, *es-crever* > *escrever*, *fin-gido* > *fingido*, *gran-de* > *grande*. Observamos, entretanto, casos de translineação não-convencional: *gu-ardá* > *guardar* e alguns poucos dados de hipersegmentação: *a legre* > *alegre*, *a misade* > *amizade*; *a quela* > *aquela*; *cartin ha* > *cartinha*; *com migo* > *comigo*; *esperan ça* > *esperança*; *pe ço* > *peço*; *por que* > *porque*; *satis fei* > *satisfez*; *ven turoza* > *venturosa*.

Como foi mostrado na Tabela 1, as cartas do remetente masculino tiveram 11 casos de segmentação nos seguintes itens: *Acabase* > *acaba-se*; *afim* > *a fim*; *amati* > *amar-te*; *darlis* > *dar-lhes*; *darti* > *dar-te*; *Discupami* > *Desculpe-me*; *igora* > *e agora*; *madami* > *mande-me*; *Peu* > *para eu*; *Qeu* > *que eu*; *quiar* > *que há*; *sabesqeum* > *sabes quem*; *vomio* > *vou-me*. Nesses exemplos, verificamos casos de segmentação simples pela falta do hífen, como em *acabase* > *acaba-se*, *darti* > *dar-ti*; além dos dados mais complexos em que o item ainda precisou ser modernizado, mostrando realmente o pouco domínio do escrevente em relação aos modelos de escrita mais convencionais tais como *peu* > *para eu*; *qeu* > *que eu quiar* > *que há*; *sabesqeum* > *sabes quem*; *vomio* > *vou-me*.

Desvios grafemáticos nas cartas de remetentes desconhecidos

Para a análise dos desvios grafemáticos, faremos comentários mais gerais sobre os dois remetentes, que apresentaram características bastante semelhantes. Embora o remetente masculino (J) apresente um número ligeiramente superior se comparado ao que fora encontrado nas cartas da remetente feminina, ambos mostraram desvios bastante semelhantes em termos qualitativos. Por conta dos limites de nossa análise, não consideramos questões relativas à acentuação gráfica ou mesmo à pontuação presentes nos documentos. Restringimo-nos a observações relativas a uma escrita mais fonética com a transposição de aspectos da pronúncia dos sons da fala para o texto escrito, o que evidencia certa inabilidade dos remetentes com os modelos convencionais da escrita. Na Tabela 2, apresentamos algumas evidências linguísticas cuja relevância reside na natureza do desvio da correlação grafofonética (alteamento vocálico, grafia das sibilantes e alongamento vocálico).

Tipo de Desvio Grafofonético	Redatores	
	J.	N.
(d) Alteamento de vogal	aligria (alegria), di (de), desprezar (desprezar), igora, mi (me), si (se), ti (te), receber (receber)	alegrimente (alegremente), ti (te), paricendo (parecendo)
(e) Grafia das sibilantes	abensoar (abençoar), abensoi (abençoe), achaci (achase), amase (amasse), aseitou (aceitou), asim (assim), asister (assistir), auzencia (ausência), Beçerra/Beserra (Bezerra), canmeco (começo), cauza (causa), caza (casa), esqeuza (esqueça), indeireiso (endereço), passienca (paciência), pesso (peço), pocivel (possível), preçencia (presença), presente (presente), rezover (resolver), rizo (riso), serto (certo), trasadas (traçadas), trosse-me (trouxe-me)	avechada (avexada), diser (dizer), esplicar (explicar), gosando (gozando), auzencia (ausência), bemça (benção), calso (caso), cançarei (cansarei), chegase (chegasse), conciderar-me (considerar-me), defise (difícil), depreça (depressa), diser-te (dizer-te), esqueco (esqueço), fasendo (fazendo), faser (fazer), praser (prazer), prosimo (próximo), setersa (certeza), traser (trazer)
(f) Alongamento da vogal final	der, lher (lhe), tenhor (tenho), venhor (venho), vocer/voser/vosser (você)	

Tabela 2: Tipos de desvio grafofonético por redator

Um dos aspectos que chama a atenção nas cartas é o alteamento da vogal /e/ registrado na variação grafemática entre <e> e <i> em vários contextos e inseridos como *alteamento de vogal*, cf. observamos em (d). Tal alteamento pode ocorrer eventualmente em posição pretônica (*aligria* por *alegria*; *disprezar* por *desprezar*), embora seja sistemático nas formas átonas: *mi, ti, si, di* (em vez de *me, te, se, de*). Como aponta Silva e Lopes (2012, p. 97), essas formas variantes podem refletir a transposição de fenômenos fonéticos típicos do português oral para a escrita, deixando transparecer as dúvidas do escrevente quanto às formas convencionadas pela norma-padrão tal como em *recebir* por *receber*.

Os dados listados em (e), *grafia de sibilantes*, também são bastante elucidativos para configurar a reduzida habilidade dos escreventes em relação às convenções ortográficas da escrita. As ocorrências são numerosas e refletem claramente uma escrita fonética. Apesar de alguns dados destoarem, percebemos nitidamente uma certa sistematicidade do escrevente masculino que usa o grafema <s> ou <ss> para a fricativa surda /s/ e <z> para a sonora. Para o primeiro tipo, temos os seguintes exemplos: *abensoar* (*abençoar*), *abensoi* (*abençoe*), *amase* (*amasse*), *aseitou* (*aceitou*), *asim* (*assim*), *asister* (*assistir*), *canmeco* (*começo*), *esqeusa* (*esqueça*), *indeireiso* (*endereço*), *passienca* (*paciência*), *pesso* (*peço*), *trasadas* (*traçadas*), *trousse-me* (*trouxe-me*), *serto* (*certo*). Para o segundo, localizamos *auzencia* (*ausência*), *caza* (*casa*), *cauza* (*causa*), *rezover* (*resolver*), *rizo* (*riso*). O <ç> ou <c> ocorre mais eventualmente para representar ora o /z/ em *Beçerra/Beserra* (*Bezerra*), *preçencia* (*presença*), ora o /s/ *pocivel* (*possível*), *achaci* (*acha-se*).

Não parece haver sistematicidade na escrita da remetente feminina nesse caso. A flutuação é maior na representação de /s/ e /z/. Para a primeira, pode ocorrer <s, ç e c>, como em *calso* (*caso*), *chegase* (*chegasse*) *defise* (*difícil*), *proximo* (*próximo*), *setersa* (*certeza*); *bemça* (*benção*), *cançarei* (*cansarei*), *depreça* (*depressa*); *conciderar-me* (*considerar-me*), *esqueco* (*esqueço*). Para /z/, o grafema <s> é mais recorrente do que <z>, que apareceu apenas em *auzencia* (*ausência*). Nos demais dados, tivemos sempre <s>: *diser* (*dizer*), *gosando* (*gozando*), *diser-te* (*dizer-te*), *fasendo* (*fazendo*), *faser* (*fazer*), *praser* (*prazer*), *traser* (*trazer*). A forte flutuação na grafia das sibilantes e mesmo na das palatais (*avechada* por *avexada*, *esplicar* por *explicar*) deixa bastante evidente que o casal não deve ter tido muito acesso aos bancos escolares e aos modelos convencionais de escrita.

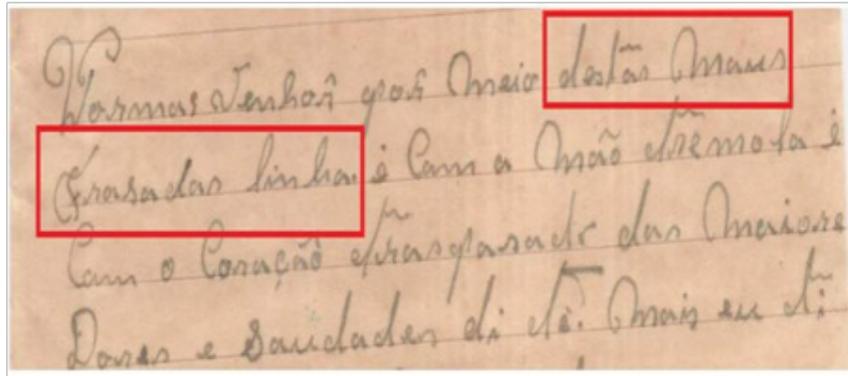
Por fim, outro desvio grafemático curioso nas cartas do remetente masculino (J) foi a inserção do grafema <r> em final de palavra, que acreditamos funcionar apenas para alongar a vogal final, como verificamos em (f). Os dados identificados foram *der* (*de*), *lher* (*lhe*), *tenhor* (*tenho*), *venhor* (*venho*), *vocer/voser/vosser* (*você*).

Todos esses aspectos grafofonéticos permitem caracterizar socialmente os informantes das cartas analisadas como remetentes que pareceram demonstrar pouco contato com modelos de escrita. Alguns exemplos de aspectos morfossintáticos presentes nas cartas podem ratificar

nossas observações.

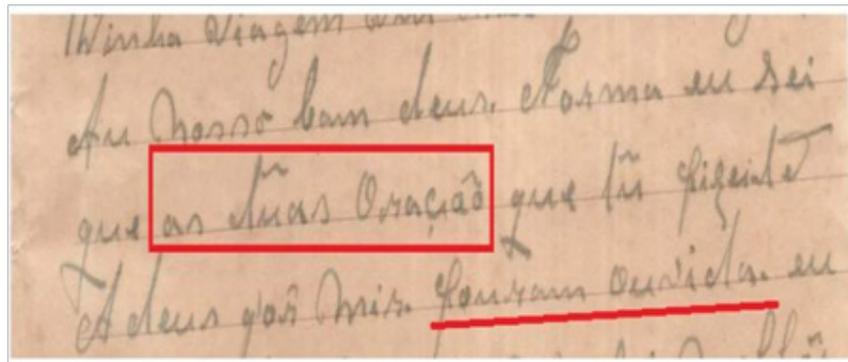
O missivista masculino, principalmente, apresenta em sua escrita traços linguísticos próprios do português popular brasileiro. Está, nesse caso, a ausência de marcas de concordância nominal e verbal. Não foi feito um levantamento exaustivo por conta dos limites desta proposta, mas trazemos à baila alguns exemplos ilustrativos, em (14), (15) e (16), reproduzindo trechos fac-similados de uma das cartas de (J).

(14)



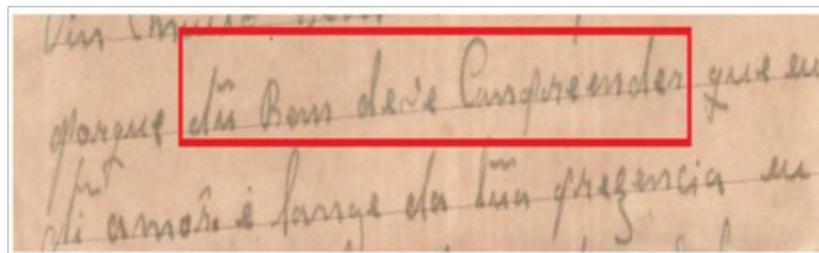
“[...] Norma! venhôr pôr meio **destas maus** | **trasadas linha**. é com a mão tremola é | cam o coração traspassado das maiore | Dores e saudades di té. mais eu ti [...]” (JN. PE, 04.07.1950.)

(15)



“[...] Ao nosso bom deus. Norma eu sei | que **as tuas oração** que tu fizeiste | A deus pôr mis. **fouram ouvida**. eu | [...]” (JN. PE, 04.07.1950.)

(16)



“[...] porque **tu bem deve** canpreender que eu | ti amôr. é lunge da tua preçencia eu... [...]” (JN. PE, 04.07.1950.)

Os trechos extraídos em (14) e (15) ilustram dados de ausência de concordância nominal. Em (14), o nome *linha* ocorre sem a marca plural que está presente nos determinantes/modificadores *destas maus trasadas linha*_. Interessante destacar ainda, nesse caso, que o remetente confundiu o advérbio *mal* com o adjetivo *mau* em uma estrutura formulaica bastante recorrente em missivas (*destas mal traçadas linhas*) e pluralizou o advérbio modificador do adjetivo participial *traçadas* escrito *trasadas*.

Em (15), tem-se outro dado que mostra a ausência da concordância entre os determinantes (*as tuas*) e o núcleo do sintagma nominal *oração*, que ocorre sem a marca de plural. Mais adiante o verbo *fouram* (*foram*) que se refere a *oração* está no plural, mas o predicativo *ouvida* está no singular. Como os estudos sobre concordância nominal têm mostrado, desde Scherre (1988) até Vieira e Brandão (2011), entre outros, no português brasileiro, a indicação de gênero e número é mais recorrente nos elementos que se posicionam mais à esquerda (determinantes) no sintagma nominal e nosso missivista segue tal regra em sua escrita.

Em (16), por fim, há um outro dado que mostra claramente a ausência da desinência verbal canônica de segunda pessoa na forma verbal *deve* que estaria associada ao sujeito *tu*. A concordância padrão aqui seria *tu bem debes compreender* e não *tu bem deve*_ *comprender*, como está registrado no documento. Trata-se de outro fenômeno bastante recorrente em algumas regiões do Brasil em que a forma pronominal *tu* não mais aparece com a desinência verbal canônica de segunda pessoa (cf. LOPES *et al*, 2018).

Considerações finais

A Sociolinguística Histórica é um *subcampo* híbrido de investigação interdisciplinar que entra em diferentes relações e graus de integração com outros campos do conhecimento, dependendo da linha de pesquisa em questão (filologia, paleografia, história, sociopragmática, linguística de *corpus* etc.). O resgate das situações socioculturais passadas permite que estas sejam reconstruídas e não observadas ou experimentadas diretamente pelo pesquisador como se faz, por exemplo, na sociolinguística sincrônica (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012, p. 63). Sabemos que os pesquisadores da área lidam com fontes procedentes de amostras naturalmente enviesadas que sobreviveram na atualidade *por sorte*. Isso significa, por exemplo, que o controle de categorias sociais, como origem, gênero, faixa etária, nível de escolaridade dos redatores históricos, podem ser lacunares, pois os informantes não estão mais à disposição do investigador como ocorre nas análises sociolinguísticas de caráter sincrônico.

Não se pode realizar para os estudos de Sociolinguística Histórica a mera transposição da metodologia variacionista de base laboviana, pois as fontes documentais disponíveis que chegam às mãos do investigador histórico costumam ser “fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis com a produção real de seus falantes” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35). Nem sempre estão disponíveis ao investigador as células completas, ou seja, o mesmo número de

informantes com o mesmo perfil social. Os dados históricos recolhidos nas fontes documentais que nos chegaram às mãos costumam se restringir aos grupos alfabetizados de uma comunidade pretérita e, em geral, foram escritos por homens com *status* médio a alto. Além disso, só determinados estilos e registros são recuperáveis nos acervos públicos e nem sempre a amostra para análise histórica é homogênea e equilibrada como ocorre nos estudos sincrônicos. Por isso, concordamos, em parte, com Bergs (2005) quando afirma que a “sociolinguística histórica é uma subdisciplina que tem potencial próprio e deveria desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias, divorciada da sociolinguística atual, por um lado, e da linguística histórica, por outro.” (BERGS, 2005, p. 21).

Os encaminhamentos metodológicos sugeridos neste artigo objetivavam ilustrar algumas propostas alternativas para a Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007), mostrando como identificar os perfis socioculturais dos redatores de sincronias passadas. Ainda que de maneira incipiente, procuramos apresentar dois modelos de análise piloto para auxiliar na caracterização de fontes documentais do passado.

Na primeira parte, mais geral, identificamos evidências linguísticas das funções sociais de três missivistas brasileiros em suas práticas de trabalho cotidianas relacionadas, respectivamente, ao secretariado do Supremo Tribunal Federal, à política mineira e ao jornalismo-intelectualidade carioca. Todas essas atuações sociais se mostraram passíveis de serem vislumbradas à luz de informações explicitadas pelos próprios punhos dos missivistas. Assim sendo, assumimos que, apesar da irrefutável relevância de acionarmos as fontes históricas (enciclopédicas e arquivísticas) para a reconstrução do perfil social do redator histórico e de suas redes de relações sociais, também o próprio manuscrito pode oferecer vestígios linguísticos concretos sobre a função social do informante, ajudando-nos, pois, nesse trabalho de recuperação do cenário sócio-histórico em que tais informantes de sincronias passadas estiveram engajados.

Na segunda parte, propusemos um protocolo metodológico para a identificação do perfil social de redatores desconhecidos. A partir das características gráficas presentes nas cartas analisadas, procuramos mostrar diferenças entre dois missivistas quanto ao grau de habilidade com normas de escrita. Com base em ferramentas computacionais de edição (*Programa E-dictor*), tentamos ilustrar como as intervenções feitas no processo de edição dos documentos podem facilitar a identificação de pistas sobre o grau de letramento, destacando, entre outros aspectos, a transposição para o texto escrito de aspectos fonético-fonológicos do PB oral. Conjugando dados quantitativos e qualitativos, ficou evidente que os redatores, mais o autor masculino do que a autora feminina, poderiam ser considerados como informantes de baixo grau de erudição, uma vez que apresentaram hipossegmentações e hipersegmentações sistemáticas tanto em formas presas, quanto em fronteiras silábicas. Além disso, identificamos alta ocorrência de desvios grafemáticos motivados, em muitos casos, pelo pouco conhecimento de aspectos convencionais da escrita e pela transposição de aspectos fonéticos do português oral para o meio escrito. Assim, o protocolo proposto permitiu configurar o perfil sociolinguístico dos dois redatores

com base em suas próprias cartas. O redator masculino apresentou precário domínio formal da escrita, enquanto a redatora feminina demonstrou um grau de letramento ligeiramente superior, embora também não possa ser considerada completamente letrada. O mais importante, nos dois casos, é que as cartas de ambos podem ser consideradas como uma fonte rica e bastante ímpar para o estudo da norma popular brasileira de fins da primeira metade do século XX.

Nossa proposta que não se pretendia exaustiva aponta alguns caminhos metodológicos para futuros trabalhos na área. A análise mais refinada com base em materiais adicionais mais robustos poderá trazer novas alternativas para o reconhecimento do contexto social e o perfil dos redatores do passado, auxiliando no trabalho de outros investigadores que se interessam pelos estudos de Sociolinguística Histórica.

Referências

BARBOSA, A.G. *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Linguísticos em Cartas de Comércio*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BAKHTIN, M. Os gêneros discursivos. In.: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERGS, A. *Social networks and historical sociolinguistics: studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421-1503)*. Walter de Gruyter, 2005.

BLAKE, A.V.A.S. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 7 Volumes, 1902.

BUENO, A.H.C.; BARATA, C.E.A. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. Volumes I e II. São Paulo, 2001.

CONDE SILVESTRE, J.C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Wiley-Blackwell, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. v. I. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LOPES, C.R.S.; MARCOTULIO, L.L.; RUMEU, M.C.B.; COELHO, I.L.; ANDRADE, A.; MARTINS, M. A.; LACERDA, M.O.; GOMES, V.S.; MONTE, V.M.; CARNEIRO, Z.O.N.; SOUZA, C.M. N.; BALSALOBRE, S.; SOUZA, J.P.; OLIVEIRA, T.L.; MOURA, K.K.; CRUZ, I.A.; CARDOSO, N.D. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do Português Brasileiro: a posição de sujeito. In: LOPES, C.R. dos S.; CASTILHO, A.T. (org.). *História do Português Brasileiro (Volume IV) Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1ª ed, v. 4, São Paulo: Contexto, 2018. p.24-141.

LOPES, C.R.S.; MARCOTULIO, L.L.; RUMEU, M.C.B.; LIMA, A.X. Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em *corpora* históricos. *Gragoatá* (UFF), v. 29, p. 239-253, 2010.

SILVA, E.N.; LOPES, C.R.S. O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares. *Confluência* (Rio de Janeiro), v. 43, p. 78-104, 2012.

LUZ, R.D. *O Tratamento na Produção Epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de TU x VOCÊ e respectivas formas gramaticais*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2015.

MARQUILHAS, R. *A Faculdade das Letras: Leitura e escrita em Portugal no Séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MARQUILHAS, R. *Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII*. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.

MARTINS FILHO, A.V. *Novo Dicionário Biográfico de Minas Gerais: 300 anos*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2013.

PAREDES SILVA, V.L.P. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PAIXÃO DE SOUSA, M.C.; KEPLER, F.N.; FARIA, P. E-dictor: Novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos históricos. In: SHEPHERD, T.; SARDINHA, T.B.; PINTO, M.V. (org.). *Caminhos da linguística de corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

RUMEU, M.C.B. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

SCHERRE, M.M.P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, E.N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOTO, E.U.M.S. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993. p.69-105.

TIN, E. (org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio*. 2005. Campinas: Editora da UNICAMP.

VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Sobre Dinah Callou — *Célia Regina dos Santos Lopes*⁹

Sobre Dinah Callou — *Márcia Cristina de Brito Rumeu*¹⁰

9 O que dizer de Dinah Callou? Toda a minha vida acadêmica está sedimentada pela sua orientação e amizade. Minha orientadora de Mestrado e Doutorado, co-autora de capítulos de livros e artigos, foi Dinah que ensinou tudo sobre a pesquisa científica, a importância da universidade pública, o papel do professor universitário, a orientação de estudantes (uma lista infindável). Até hoje me vejo repetindo frases antológicas que ouvi da boca sincera e precisa de Dinah Callou. Agradeço enormemente à Dinah Callou, que é minha mentora-mor, uma pessoa iluminada, de personalidade ímpar, que abriu meus olhos para os estudos históricos da língua portuguesa e, certamente, para tudo que eu sei hoje. Obrigada, Dinah!

10 Nesta publicação, deixo registrados o meu apreço e a minha admiração pelo exemplo de profissionalismo da Profa. Dra. Dinah Callou. Com ela, tive a oportunidade de trabalhar como Bolsista de Iniciação Científica e de Apoio Técnico sob os auxílios financeiros do CNPq e da Fundação da FAPERJ, respectivamente. Nessa época, fui apresentada ao Projeto Para uma História do Português Brasileiro (PHPB-RJ) e à sua dinâmica de trabalho no interior dos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Arquivo Nacional (AN-RJ) à caça de fontes manuscritas e impressas do português do Brasil e do português no Brasil. Na sequência, tive a feliz oportunidade de tê-la como Membro Titular da Banca de Avaliação da minha Tese de Doutorado também na UFRJ. Atualmente, estou, mais uma vez, sob a sua Supervisão no meu Estágio de Pós-Doutorado (CAPES/PNPD 2018-2019), dividindo com ela o espaço da sala de aula, já que ministramos juntas o Curso de História da Língua Portuguesa aos alunos da Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Manifesto, Dinah, o meu sincero agradecimento por todos os ensinamentos concedidos na minha trajetória acadêmica.